Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, DR. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, DR. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno II — N. 69 | DOMINGO, 8 DE SETEMBRO | Numero: 300 réis

CHRONICA

SEMANA de luto e dòr para os que cultivam e amam as letras. Morreu Eduardo Prado, uma das mais puras encarnações da Idéa, da Idéa creadora e transformadora, origem e causa dos mundos, fonte perenne da luz, do calor, do movimento e da vida das almas.

O que esta perda representa para a mentalidade brasileira só o futuro poderá dizel-o com a evidencia esmagadora das suas demonstrações. Nem as difficuldades do momento dão ao espirito a calma precisa para julgar das funestas consequencias de cada desfalque nas nossas forças intellectuaes. Hoje, as boccas só se abrem para pedir pão, mas pão que mate a fome do corpo, que modere as torturas do estomago. Dos grandes, dos supremos idéaes que legitimam a existencia livre e autonoma de um povo pelo exercicio de uma funcção propria no tempo e no espaço, ninguem cuida. Para que!

Ah! que se o povo soubesse a falta que faz um destes homens!... Se elle podesse sentir o atrazo que a uma civilisação traz a paragem brusca causada pela perda de um orgão essencial á sua marcha para vante!... Emquanto a massa folga e ri, chora ou geme, muitas vezes sem saber por que e olhando apenas, no seu egoismo innato, a propria dôr ou a propria alegria, são esses escravos possessos da loucura patriotica e esses levitas da solidariedade universal que remontando dos effeitos ás causas, das consequencias aos principios, buscam as leis geraes do teu prazer ou da tua magua, buscando augmentar a intensidade daquella ou suavisar a atrocidade desta. Ai de ti se estes devotos do puro espirito, se estas creaturas que vivem a interrogar a harmonia das espheras, te abandonassem, ou se a tua terra, de tão safara e maninha, deixasse de produzil-os! Bem perto estarias da perda irremediavel da nacionalidade, da liquidação definitiva do teu organismo moral.

Eduardo Prado era uma destas figuras-broqueis com que um paiz se acoberta contra a injustiça ou a ironia dos outros povos. Mais do que nunca, nesta penetração constante de civilisações que é um dos caracteristicos da vida contemporanea, são indispensaveis estes paladinos. De dia para dia o barbaro apostolado da guerra vae perdendo terreno, corypheus e proselytos e as contendas que outr'ora se dirimiam ao clarão sinistro das bayonetas e ao troar horrendo do canhão agora se liquidam a golpes de talento, de raciocinio e de bom senso. O Brasil tem ganho nobremente algumas dessas batalhas e pode avaliar de sciencia propria quanto vale um desses generaes de gabinete, um desses benedictinos queimando pestanas e sacrificando a luz dos olhos sobre poeirentos alfarrabios de archivos e bibliothecas.

Eduardo Prado, de quantos brasileiros haviam conseguido impor no concerto universal o respeito pelos homens e cousas da sua patria, era talvez o mais conhecido pelo feitio combativo do seu temperamento e pela natural força expansiva da producção literaria, de todas a que mais profundamente agita os elementos lyricos da alma humana. Lendo tudo e tudo assimilando, nenhum assumpto lhe era extranho, de nenhum problema grave da vida nacional ou universal andava arredio. Amava o Brasil com entranhado affecto e guiado por methodo infallivel mergulhara até as raizes da sua existencia historica. Possuia uma forma lapidar de descrever as cousas e manejava o sarcasmo, a satyra e a ironia com inimitavel destreza e elegancia. Como jornalista, vasava a alma nos artigos, o que a bem poucos succede. Do mundo nada ignorava porque todo percorrera, sem que o contacto das mais remotas e disparatadas gentes, deslumbrando-o, cegando-o, fascinando-o, distrahindo-o, dispersando-lhe a attenção, o desnacionalisasse. Pessoalmente era meigo, bom, compassivo. Amava os seus semelhantes, perdoava as fraquezas e as injurias, repartia com mão larga o muito que possuia, ajudava o talento, protegia o trabalho, accudia aos lares infelizes, não gostava de ver soffrer ninguem. Era grande em tudo: no coração, na intelligencia, no saber e no patriotismo. Acreditava em Deus, na Patria e no Imperador. Não é azado o momento para discutir essa crença.

Jacques Bonhomme.

AOS CONCURRENTES DA EXPOSIÇÃO DA ACADEMIA

OS THEATROS

Continuam os differentes theatros a variar os espectaculos, obtendo com isso uma compensação, senão grande, rasoavel, o trabalho dos artistas e os sacrificios das emprezas.

A companhia franceza passou para o theatro Apollo, onde nos deu *Le petit duc* e *La belle Helene*, apresentando-se no S. Pedro a celebre comediante Clara Della Guardia, artista já nossa conhecida e muito bem conceituada, que representou com grande brilho *A casa paterna*.

Os artistas que a acompanham são bons, contrariamente ao que succede com as companhias que trazem notabilidades á frente.

A companhia lyrica deu com bastante agrado a *Manon Lescaut*; a de zarzuela vae mantendo certa concurrencia e no Moulin Rouge, Cinira Polonio, é a *great attraction* do publico, que não se cansa de a ver e applaudir.

Vão muito adiantados os ensaios da *Pera de Satanaz*, magica de Eduardo Garrido, posta em scena por Souza Bastos com grande brilho, e que irá á scena no theatro Lucinda para onde passou a funccionar essa companhia.

Reabriu-se o Sant'Anna, com uma aggremiação artistica sob a direcção de Affonso de Oliveira, tendo levado á scena, como peça de estréa, a magica de Fonseca Moreira — *O diabo no Paraiso*, que agradou bastante.

Fechou o Cassino Nacional mas a *troupe* que lá estava passou a funccionar no Guarda Velha que reabriu depois de algumas reformas.

Alguns dos artistas que trabalhavam no Recreio estrearam no theatrinho da rua Senador Dantas, exhibindo com bastante agrado algumas pequenas zarzuelas entre ellas a *Niña Pancha*.

Temos finalmente em breve a reapparição, no Recreio, da companhia Dias Braga, ha 17 mezes fóra da capital.

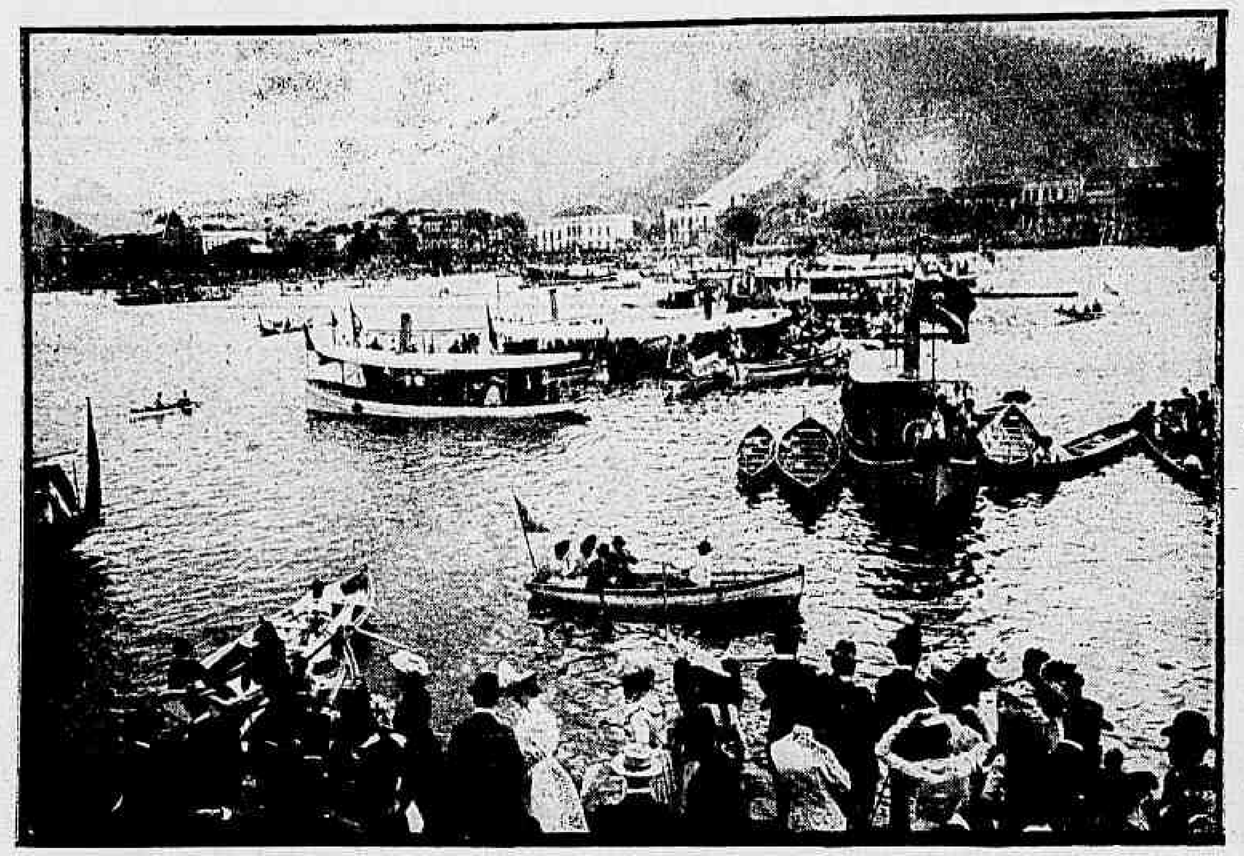
Dará uns trinta espectaculos, pois que o theatro está contratado para Silva Pinto, que ahi vae pôr em scena, com o apparato de que costuma revestir as peças que faz exhibir, *A Fada de Coral*, magica engraçada entregue aos nossos melhores artistas.

P.

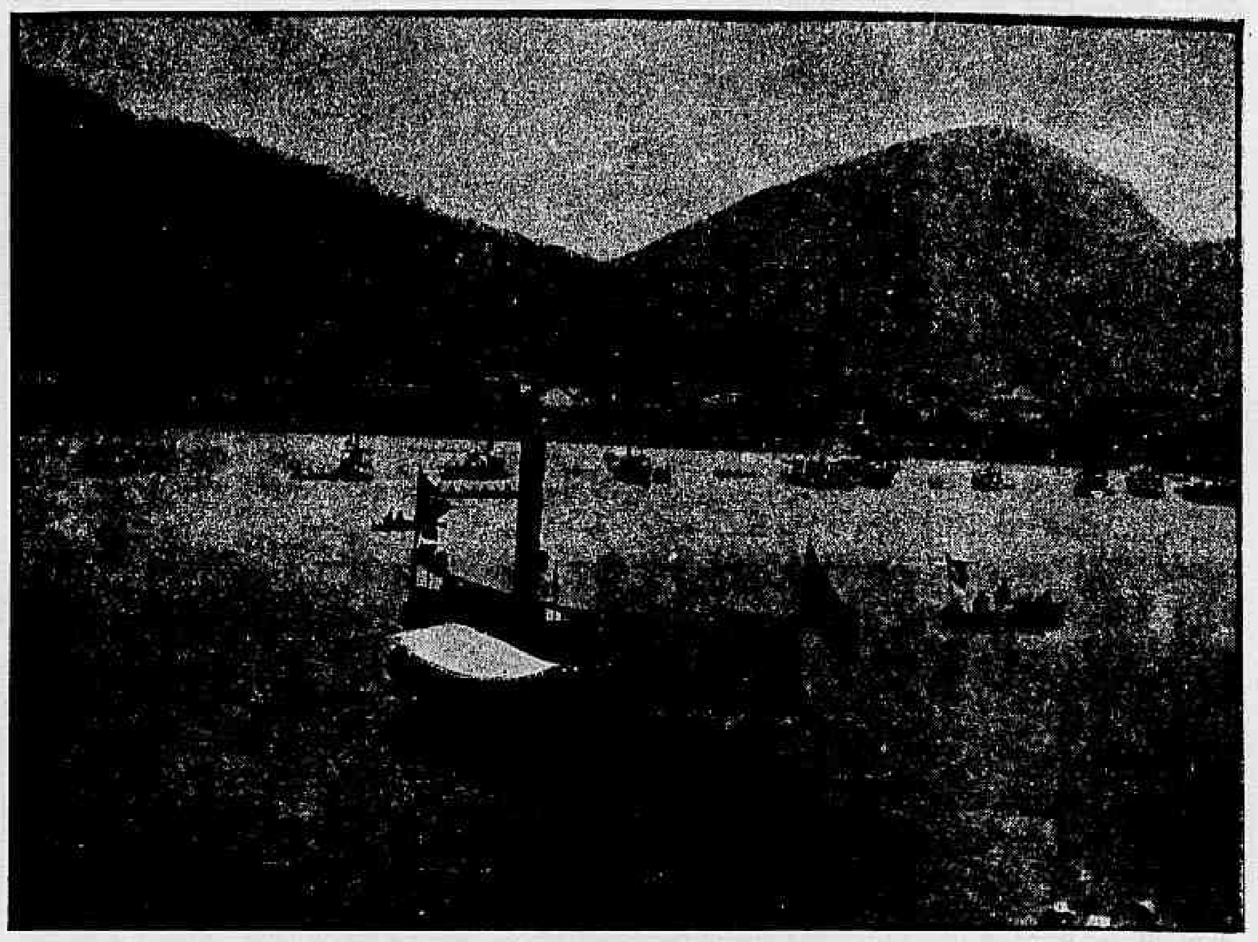
Não é só aqui que o serviço de caixeira nos botequins, cafés e casas de *chopps* preocupa a attenção da policia.

O governo da cidade de Berlim acaba de decretar que só podem obter licença para exercer aquella profissão, as mulheres maiores de quarenta annos.

Peçam sómente FRANZISKANER BRÄU ou CERVEJA PILSENER, ainda... e sempre a melhor cerveja



Embarcaçõ s repletas de convidados, na ultima regata do Campeonato.
(Phot. de Bastos & Dias.)



Vista geral da raia e da praia de Botafogo, no dia da regata do Campeon to.
(Phot. de P. Botelho.)

A Melhor Esmola

(A' EX. SRA. D. MARIA ELISA PERDIGÃO DE OLIVEIRA)

O ceguinho — era um pobre velho que todas as manhãs sahia rua afóra em busca de esmolas, ora supplicando aos transeuntes que lhe valessem pelo amôr de Deus, ora se demorando de cabeça descoberta, nos corredores das casas onde a sua voz tremula se fazia ouvir sempre na mesma toada.

O guia do ceguinho — ah! elle tinha o seu inseparavel companheiro que o conduzia pelo braco, que o avisava de algum tropeço, fazendo-o parar aqui e acolá, quando a generosidade de uma esmola era de esperar; o guia do ceguinho, diziamos, era um rapazote de 17 a 18 annos, olhar expressivo, de uma estructura corporea bem modelada, feições sympathicas, dentes claros e bem tratados e sobre tudo, um timbre de voz agradavel, delicada e em extremo insinuante.

Sempre que elle pedia uma esmola para o ceguinho, com aquella meiguice natural, um ligeiro

sorriso acompanhava a sua supplica e esse sorriso mais se salientava quando elle ouvia dizer: «que Deus favorecesse o infeliz.» Ah! quantas dezenas de vezes resoou em seus ouvidos tão triste resposta!

Mas o guia, o sympathico guia que tomou pelo velho uma affeição filial, em vez de se enfadar com a indifferença ligada á desgraça do ceguinho, repetia sempre um *amen* tão cheio de fé que parecia dizel-o de forma que Deus ouvisse bem o que os seus labios pronunciavam.

Uma vez, cego e guia pararam á porta de um templo; estava terminada a celebração da missa e como era dia santificado o numero de fieis avultava. A voz tremula do ceguinho ora acompanhava a direcção do chapéo, ora se confundia com a do guia que, com aquelle sorriso gracioso, impetrava uma esmola para o infeliz.

Ao tinir das moedas dentro do esfarrapado chapéo o velho recolhia as esmolas sempre com o agradecimento do costume: — «que Deus ajudasse por longos annos, o caridoso devoto que o soccorria» — e o moço, para maior reforço do agradecimento, repetia de momento a momento, sempre com sorriso expressivo, — «Deus lhe accrescente.»

Passados alguns instantes suppozeram os dous homens que a egreja estava vazia de fieis e que portanto, ninguem mais havia que se enternecesse ás suas supplicas.

Isto posto, trataram de se pôr a caminho da triste casinha que os agazalhava e onde os esperava a frugal refeição do costume.

Eis senão quando apparece á porta do templo linda moçoila que apressadamente se retirava, talvez por ser a ultima pessoa que lá ficára em oração.

O guia ao vel-a passar, collocou-se em posição respeitosa e, sem que o velho percebesse do movimento, tirou de novo o chapeu e disse:

— Por caridade uma esmola para este cego.

Táes palavras foram ditas com tanta firmeza e com voz tão supplice que a moça parou e fitando a quem assim lhe fallava não pôde furtar-se a uma ligeira admiração ao ver o sorriso gracioso de quem se atrevia a lhe interromper o caminho; abriu uma pequena carteira e sem desviar os olhos do sympathico pedinte, disse estendendo a mão:

— Aqui tem a esmola e que Deus se amercie da sua sorte.

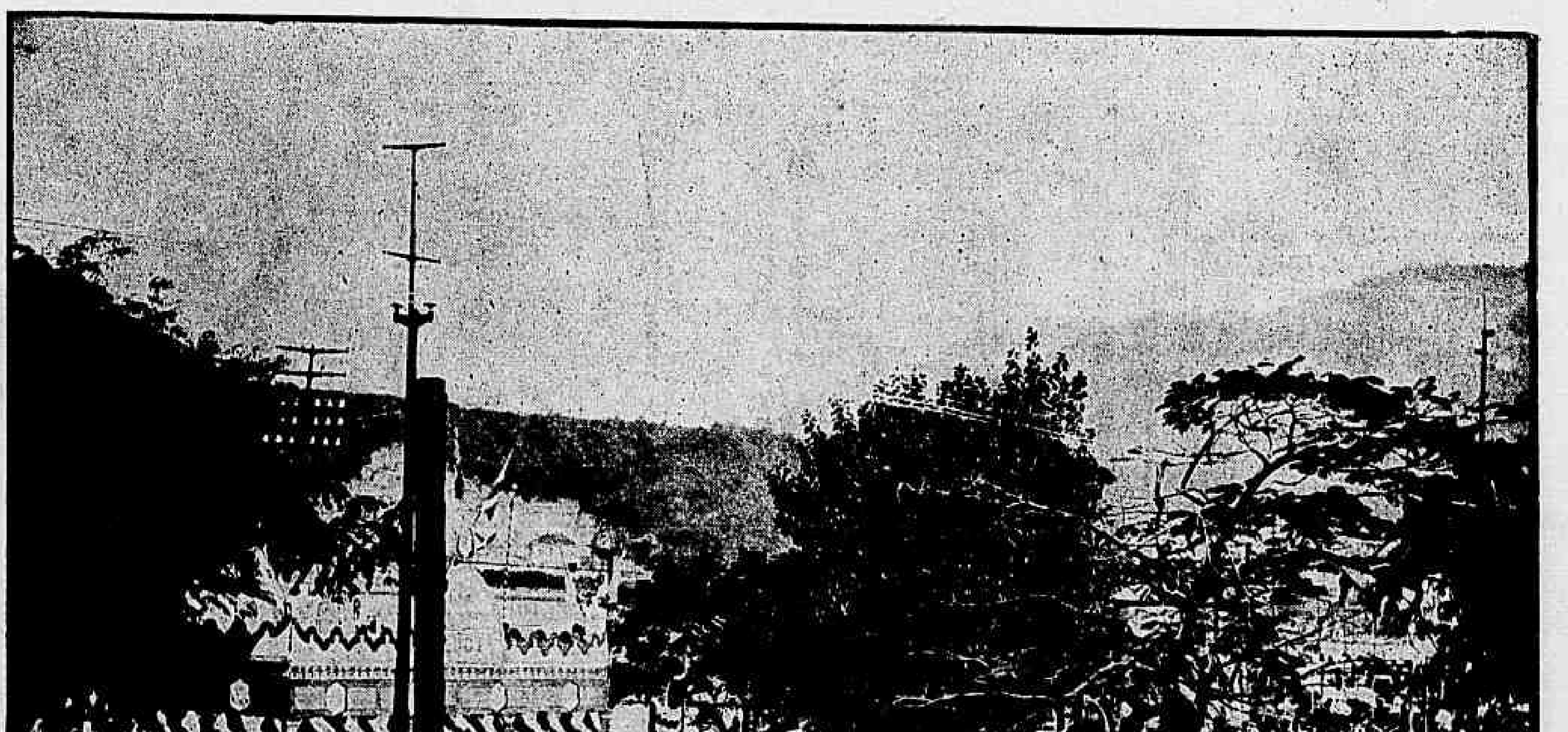
— Obrigado, senhora, muito obrigado, respondeu o velho emquanto que o guia extatico e com o olhar firme no rosto da joven devota sentiu pela primeira vez lhe fugir dos labios o sorriso de sempre.

— Queres mais alguma cousa? indagou a moça com todo o carinho.

— Nada mais, senhora, respondeu o guia. Somente que Deus vos ajude e, accrescentou elle quasi balbuciante, que vos conserve sempre a formosura de que sois dotada.

A moça devota sorriu mostrando se agradecida aos votos que lhe eram feitos e, talvez sem reflectir, tirou de um dos intersticios do corpete azul com que se achava uma bella rosa e entregou-a ao sympathico guia, dizendo:

— Tambem quereis uma esmola? Eil-a, disse, entregando a flôr.



REGATA DO CAMPEONATO A 25 DE AGOSTO ULTIMO — O pavilhão do Conselho Superior na praia de Botafogo.
(Phot. de P. Botelho.)

Esta scena tão rapida quanto tocante não passou despercebida aos ouvidos do cego que respondeu:

— Obrigado por elle, senhora, muito obrigado.

Instantes depois o velhinho caminhava ao lado do guia que sem mais se incommodar com aquellas das pessoas que encontrava rua afóra, teve que responder á seguinte pergunta:

— A quem deu maior esmola aquella bôa senhora, a ti ou a mim?

— A mim, respondeu o guia com voz firme e rapida.

— Ah! quanto vale ser moço, replicou o velho sacudindo a cabeça. E tu não és cego, felizmente.

— Foi por isso que recebi mais esmola. A's vezes é uma fortuna conservar os olhos sem vista.

— Virgem Nossa Senhora! Tu estás a blasphesmar; que Santa Luzia te proteja, concluiu o velho.

— Tenho cá as minhas razões, atalhou o guia.

— Confesso que não te entendo.

— Pois vae entender; apalpe de leve a esmola que recebi, disse o moço tocando com a rosa a ruguenta mão do cego.

E o velhinho, tacteando os dedos sobre as petalas da flôr, como se receiasse quebrar algum talisman, disse sorrindo:

— E' uma flôr, pois não é? Ora uma flôr equivale a uma esmola sem valia, terminou elle afastando os dedos de sobre a rosa.

— Como v. mcê. se engana! Esta esmola é de grande valor! Tambem, continuou o guia depois de curta pausa, ella deu-me esta flôr mas commetteu um furto.

— Hein? Ella te furtou alguma cousa? E o que foi?

— O meu sorriso, o sorriso que Deus collocou sobre os meus labios para me animar a pedir esmolas para v. mcê.

— Oh! então, maldita seja essa flôr e excommungada a esmola que della recebi.

— Maldita?! Abençoada seja esta flôr que me ajudará no caminho da minha nova desgraça, concluiu o moço levando a flôr junto aos labios.

E lagrimas irromperam dos olhos do pobre ceguinho no mesmo instante em que o guia abafava um soluço dentro do coração.

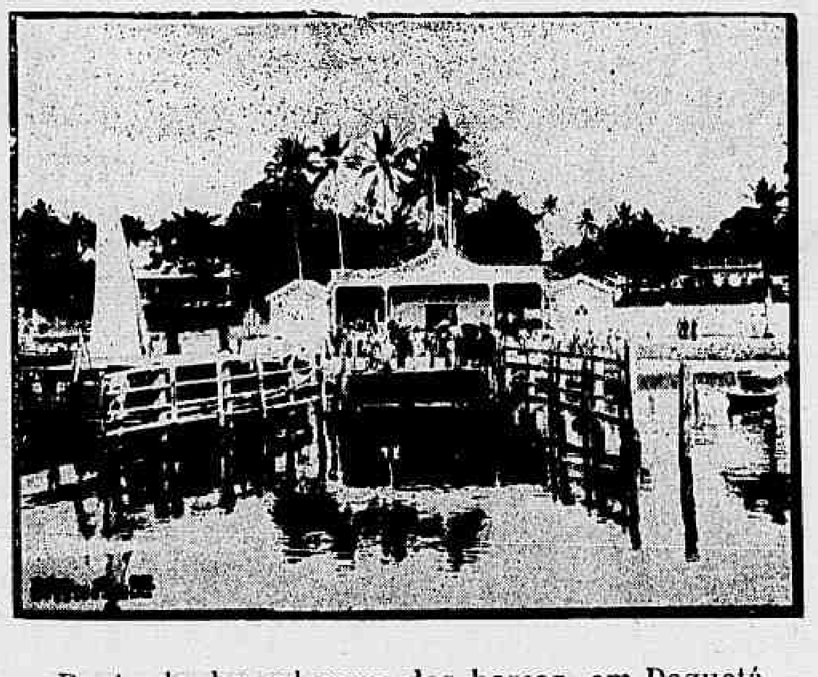
Julio Peixoto.

CHRONICA DA ELEGANCIA

PARIS, 15 de agosto de 1901.

Na cidade de Lincoln, no Estado de Nova Jersey, America do Norte, as mulheres alcançaram o direito de votar e serem votadas nas eleições municipaes.

E, tal cabala desenvolveram, tão sabiamente manobraram que, dentro de pouco tempo, conseguiram ser maioria no Conselho.



Ponte de desembarque das barcas, em Paquetá
(Phot. de Augusto Pinho.)

Começaram as reformas.

Em primeiro logar, uma lei supprimindo os *restaurants*, cafés e casas de bilhar, afim de que os maridos não permanecessem fóra de casa mais tempo do que aquelle necessario aos negocios.

Depois veiu a isenção de direitos a todas as casas de moda, armarinhos e estabelecimentos onde houvessem á venda artigos para senhoras.

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA
Na regata intima realizada a 18 de agosto ultimo na ilha do Engenho. Tripulação da canôa a 4 remos *Amphytrite*.

E foi tal o numero de empregos novos...

E tantas as gratificações extraordinarias...

Que a receita nem sequer chegou para metade da despeza, os credores apertaram e a municipalidade falliu escandalosa e desastradamente.

Como era natural, o facto offereceu ensejo a todos os que gritam contra a emancipação da mulher para reeditarem tudo o que se ha escripto neste sentido, de vinte annos para cá.

Outros apreciam o caso pelo seu lado comico e estes me parece que são aquelles que de melhor senso dão prova.

Colinette.

Em vista do elevado preço dos hoteis, os americanos que frequentam a Windsor Beach, resolveram fundar um acampamento de tendas portateis, onde residem e ao qual deram o titulo de White City.

Fazem a cozinha ao ar livre.

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA — Na regata realizada a 18 de agosto na ilha do Engenho. Tripulação da canôa a 4 remos *Violeta* e a madrinha dessa embarcação.

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA — Na regata intima effectuada a 18 de agosto ultimo na ilha do Engenho. Guarnição da baleeira a 6 remos *Vingativa*.

O INCENDIARIO

HAVIA tres dias que elle caminhava pela estrada varrida pelo frio de um inverno precoce.

Os seus pés sangravam, e os seus sapatos rotos, mal seguros aos pés inchados, deixavam passar a cada momento enormes gottas de sangue, que enodoavam o caminho.

A noite approximava-se e o frio augmentava: o homem caminhava sempre, coxeando horrivelmente, apezar do páo a que se apoiava.

Respirava com uma especie de silvo rouco, semelhante ao estertor da morte, mas nem por isso parava um instante sequer para crear alento, porque além, muito além, scintillava, esperança longinqua, a luz coada pela janella de uma herdade isolada no meio da campina.

Pelo contrario, apressava-se, — gemendo ás vezes de dôr, como um lobo ferido que foge.

A pequena luz que além vacillava augmentava agora e a sua esperança mais e mais crescia.

Ia ter afinal um bocado de pão, um pouco de agua para beber e, quem sabe? — talvez um copo de vinho. Ia afinal dormir sobre uma cama de palha mais macia que o seio da mulher amada, mais cheirosa do que os seus cabellos perfumados!

E a casa estava alli, na volta da estrada, ostentando os seus tijollos vermelhos, o seu tecto de colmo espesso, de onde emergia o fumo basto de uma chaminé. Agora as arvores que bordavam o fosso occultavam-na um pouco, mas porque estava perto agora, ia chegar immediatamente.

Era quasi noite. Pelo quadro illuminado da janella viam-se sombras que passavam e repassavam como imagens de um sonho.

Mais alguns passos ainda, eil-o chegado.

* * *

Bateu timidamente á porta.

Nem um barulho se ouviu no interior.

Bateu um pouco mais forte.

— Quem está ahi?

— Por piedade, um bocadinho de pão e um braçado de palha para repousar esta noite.

— Quem é?

— Um desgraçado!

— Desgraça já nós temos bastante aqui, siga o seu caminho.

— Tenho fome, tenho sêde, morro de cansaço...

— Ora adeus!... siga!... siga o seu caminho.

— Mas, pelo amor de Deus...

A porta abriu-se e sobre a soleira appareceu um rapagão de largas espaduas, e, por detraz delle, uma mulher nova, gorda, corada, cujo rosto assustado e curioso deixava se ver com difficuldade.

O rendeiro tinha na mão uma espingarda de caça, com a qual assumia um certo ar de valentia.

— Com mil bombas!

Quer seguir quanto antes o seu caminho ou deseja que lhe metta no lombo a carga de dous canos desta espingarda?

O homem recuou, não por medo, mas por prudencia.

— Vamos! retire-se!...

E o rendeiro, aguerrido pelo gesto anterior do mendigo, fez menção de atirar.

— Mata! mata! disse a voz argentina da mulher, esse homem tem ares de assassino!

Ouviu-se no escuro o bater de um fecho sobre o ouvido da espingarda, depois outro, mas nem um tiro.

— Sem duvida a polvora estava humida, disse o rendeiro. Emfim, esse individuo póde gabar-se de ter escapado de bôa, porque eu atirei-lhe para matal-o!...

E ao findar estas palavras, a porta fechava-se sobre os dous, violenta e brutalmente.

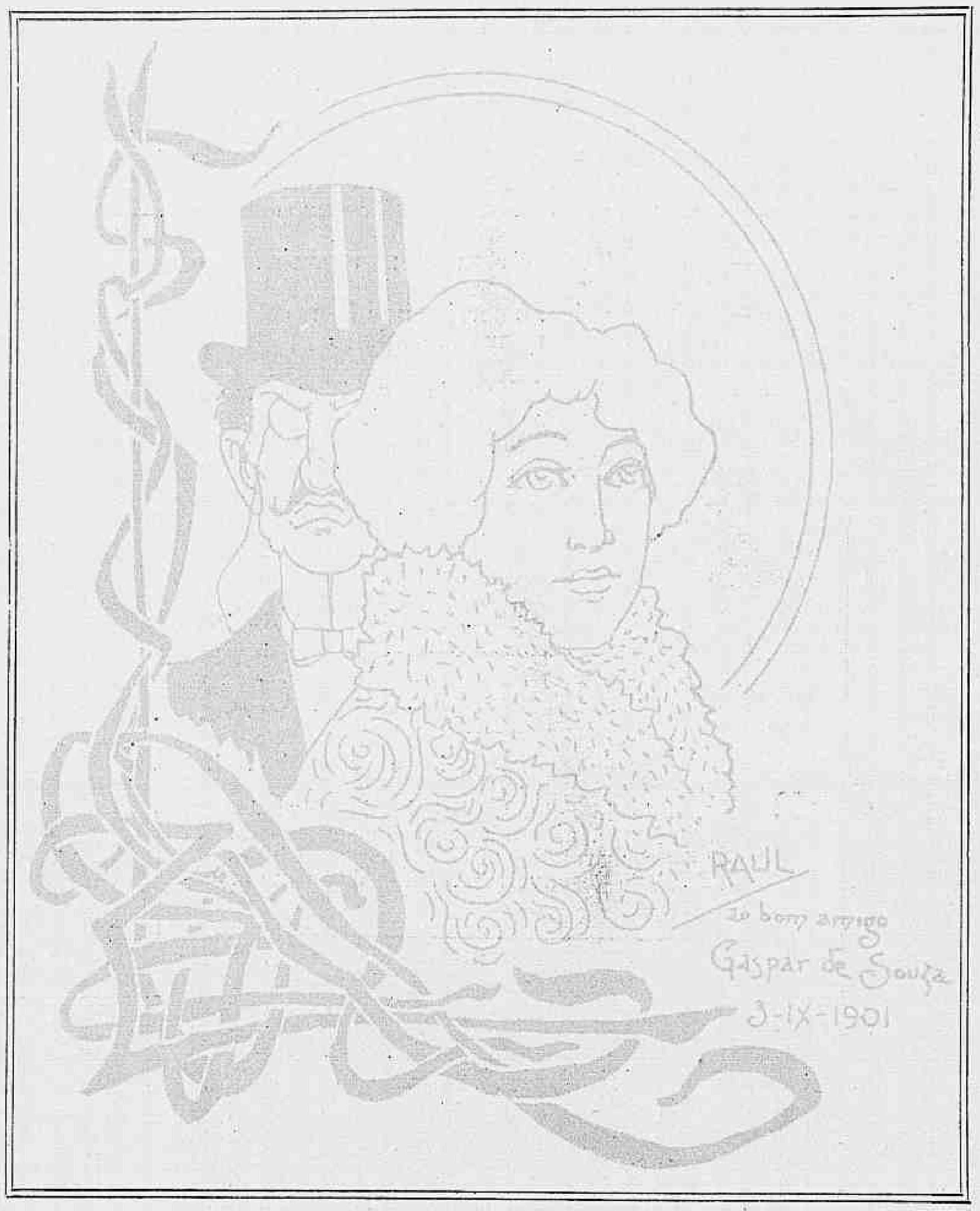
* * *

O individuo correra com rapidez a occultar-se nas trevas.

Depois de alguns passos, sentiu que o chão lhe faltava debaixo dos pés, e cahiu em um fosso cheio d'agua, de onde só a muito custo conseguiu sahir.

Rodolpho Darzens.

(*Continúa.*)



ELLA (que só pensa no Lyrico) — Vamos ouvir o *Fausto?*

ELLE (que só pensa na Camara) — Nada, nada! Posso receber alguma batata por tabella...

A FESTA DE S. ROQUE, EM PAQUETÁ, NO DOMINGO ULTIMO

(Photographias de Pereira Pinho.)

D. PEDRO I

Primeiro Imperador do Brasil e fundador da nacionalidade brasileira.

7 DE SETEMBRO

O grito de INDEPENDENCIA OU MORTE, soltado nas margens do Ipyranga écoou do sul ao norte do paiz como o ribombo de um canhão annunciando victoria estrepitosa.

Monarcha intelligente e patriota, o Sr. D. Pedro 1º havia comprehendido a intensidade da ancia popular pela constituição de uma nacionalidade livre, pujante e invencivel, que occupasse posição saliente entre os paizes do Novo Mundo. Collocou-se ao lado do povo e animado pelas palavras ardentes dos patriarchas das nossas liberdades, não trepidou em desfechar o golpe que nos separou da metropole.

Salve, 7 de Setembro !

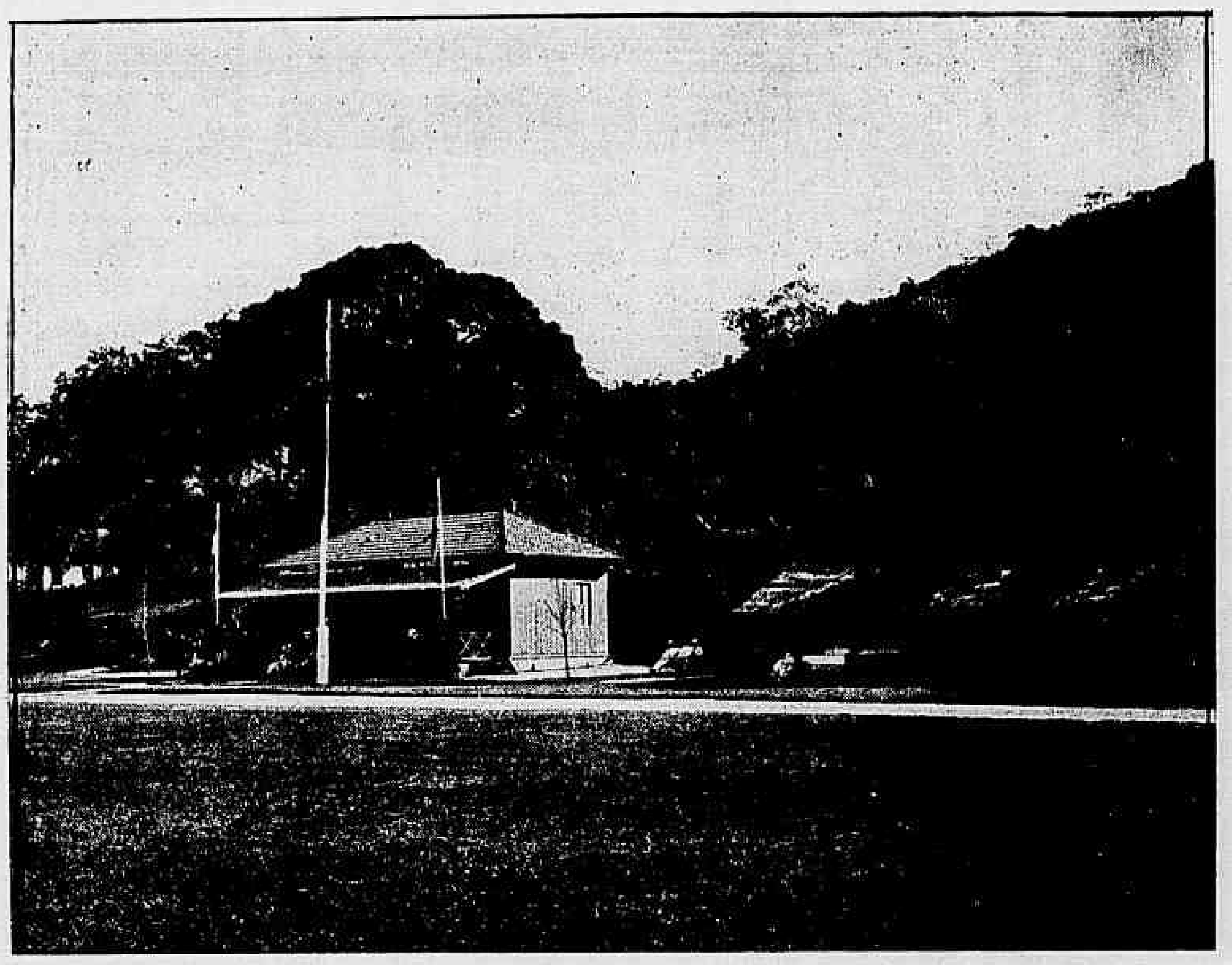
O GRITO DO IPYRANGA — «Independencia ou morte» — 7 de Setembro de 1822

Celebre quadro do afamado pintor brasileiro dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello

RIO ATHLETIC ASSOCIATION, EM ICARAHY

Partida de CRICKET realizada em 15 de julho ultimo entre esse club e o BUENOS AIRES ATHLETIC ASSOCIATION

Photographias da casa JAMES MITCHELL & C.



Edificio do *Rio Athletic Association*, em Icarahy.

O começo da partida.

O "FRÉSSURAS"

As crianças o apupavam a tôa, pelas ruas e praças.

Até quando elle entrava em qualquer tasca para matar o bicho, aguardavam a sua sahida e era um horror de vaia.

O homem zangava-se, vociferava, amaldiçoava os petizes, descompunha-os a torto e a direito e dahi toda aquella prevenção contra o *Fréssuras*.

Homem pauperrimo, de alguma instrucção, dera-se ao vicio da embriaguez desde que o demittiram por politicagem do logar de guarda-fiscal de certa freguezia de Nictheroy.

Dahi para cá o *Fréssuras* abandonou a familia e tornara-se um pobre diabo de porta de venda, um desses miseraveis obcecados pelo alcool que trocaram a cama pelo lagedo da rua e a sociedade pelos prazeres do copo.

Vivia da caridade publica e o seu melhor prato era a fressura de vacca.

Por seis vintens entulhava o estomago e, tanto exaltava o sabor da sua refeição predilécta, que ficou appellidado o *Fréssuras*.

. . . .

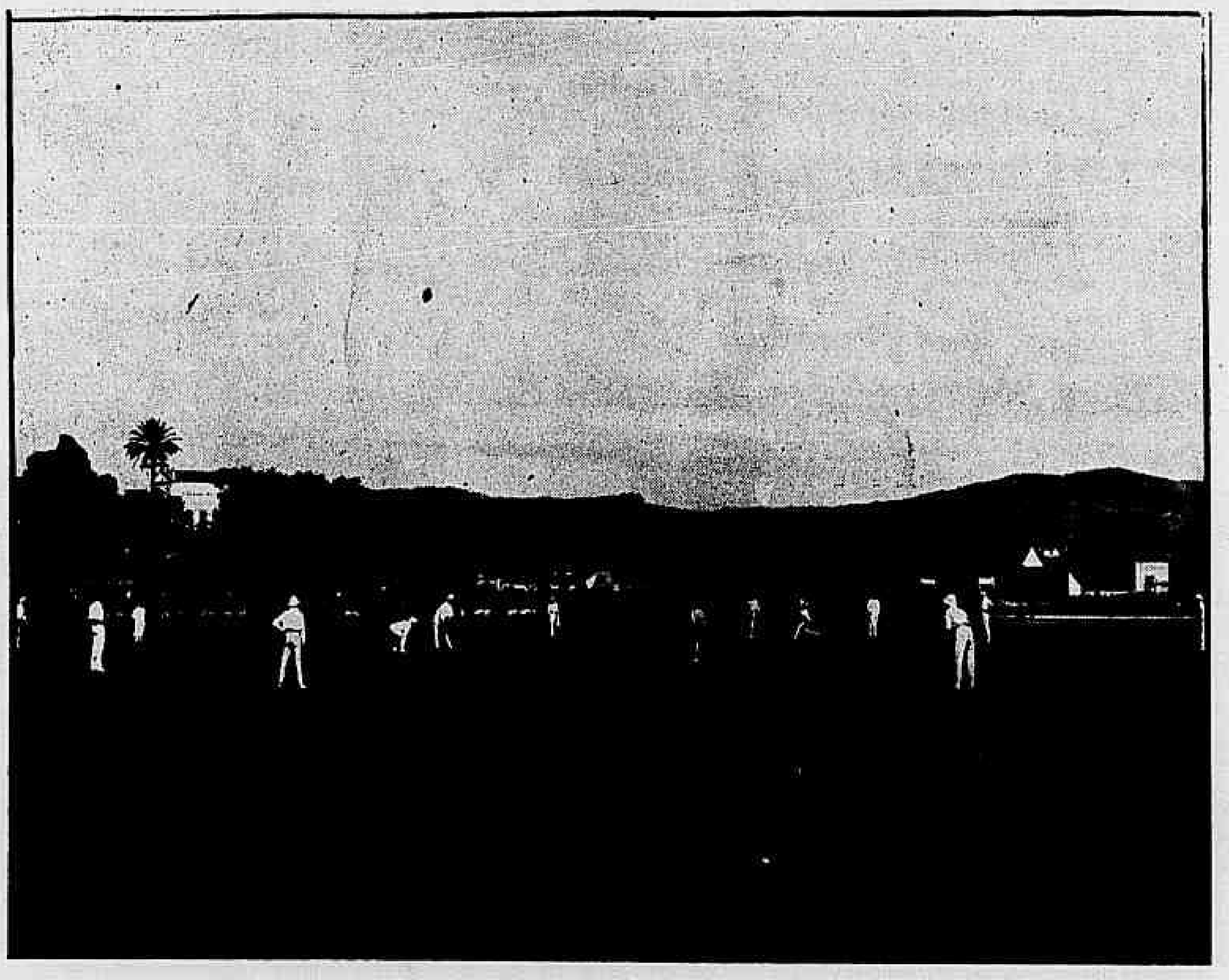
Quando terminou a revolta de 6 de setembro de 1893 o *Fréssuras*—que todos já julgavam morto—appareceu em Nictheroy fardado de soldado do exercito!

Havia sido recrutado por aquella occasião e batera-se com denodo ao lado das forças legaes.

Logo que pôde obter uma licença no quartel, correu a visitar os sitios por onde andara não havia um anno, corrido pela criançada que o apupava aos gritos de:

— O' *Fréssuras*, O' *Fréssuras*!

Tivera saudades daquelles tempos em que via em cada criança um algoz de seu espirito:—o diabo em figura de gente.



Durante a partida.

Foi até ao Maruhy e bem poucos conhecidos encontrou.

O *Chico do açougue* havia se passado para os revoltosos e ninguem sabia delle; e era o seu melhor amigo e fornecedor.

O *Meio-kilo* havia morrido; o *Chico ferrador* embarcara para o Sul em uma leva de recrutas; o *Bombeiro*, revoltoso, fugira para Campos e assim todos os amigos velhos.

Escurecia já, e o *Fréssuras*, tomado de cansaço por ter andado muito e com o coração amargurado pela tristeza que lhe enchia a alma de homem regenerado, entrou em uma taverna e começou a beber mais que o costume.

As 8 horas da noite já dormia, atordoado pela influencia do alcool.

O dono da tasca, timido e receioso de algum barulho, acordou-o delicadamente dizendo-lhe:

— O' camarada, são horas de fechar a casa.

O *Fréssuras*, despertando envergonhado—elle um soldado de bom comportamento—sahiu pela porta fóra pedindo desculpas ao vendeiro.

Na rua sentiu as pernas fracas, a cabeça pesada e um mál estar geral no corpo e teve impetos de deitar-se no lagedo!

Mas com um esforço inaudito continuou a andar.

Passava então pelo cemiterio e entrou resoluto dizendo com os seus botões:

— Aqui poderei dormir descansado até ao amanhecer: e assim ninguem verá que estou embriagado.

. . . .

Socios do *Buenos Aires Athletic Association.*

Socios do *Rio Athletic Association.* (Phot. P. Pinho.)

Pela manhã, muito cedo ainda, o *Fréssuras* acordou e viu com grande espanto seu que se achava dentro de uma cova nova e, pela altura, impossibilitado de sahir.

Empregou todos os esforços e não conseguiu safar-se do lugubre buraco.

Era preciso que alguem lhe desse a mão...

De repente o *Fréssuras* ouviu passos e collocando-se nas pontinhas dos pés póde ver que era o padeiro que passava em direcção á casa do administrador do cemiterio.

— Oh! padeiro faça o favor! gritou estendendo-lhe as mãos.

O padeiro, sorpreso, olha para a cova e deparando com o *Fréssuras* atirou com o cesto ao chão e deitou a correr nervoso e gritando como um louco.

Acudindo os coveiros o padeiro contou-lhes o que vira, sendo logo accommettido de um ataque de nervos.

Correndo todos ao local verificaram que o *defunto* era o *Fréssuras*, o pobre diabo de porta de venda, que fizera correr um homem, quando elle proprio não havia muito tempo corria das crianças.

Castor do Arvoredo

RECREAÇÕES

As soluções dos problemas do nosso numero passado são as seguintes:

Da charada novissima, *Albano*; da charada mephistophelica, *Alina*; e da charada em éco, *Sasa*.

Salmon, Gendarme, Clio, Zaguncho, Barbaroux, Heitor Lima, Boer, Condorcet, Glorinha e Carmelita solveram todos esses problemas; Dagmar, Babeca, Zuco, Gaudencio, Zut e Meroveu os dous primeiros; Eleison, Consuelo, Juracy, Dudú, Fornarina e Pandorgas os primeiro e ultimo; Sapristi, Grandhomme, Vandorf, Ossuan, Companheiro, Rocambole, Condor, Pascacio e Tupy os dous ultimos.

Para hoje apresentamos:

JOGO DE LETTRAS (*Clio*)

SPOLETA

Com estas sete letras formar o nome de uma formosa cidade brasileira.

CHARADA METATHICA (*Zaguncho*)

2 — O rei matou uma ave.

LOGOGRIPHO POR LETRAS (*Aymoré*)

(A GOMES DE CASTRO)

Ave! — 1, 4, 5, 2 — militar brioso, — 1, 2, 5, 6, 3 — que forte desterrado para uma ilha distante!

TORNIQUETE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 54

Noventa.

PROBLEMA N. 55

Qual é a differença que ha entre o callista e o caloteiro?

Archimedes Junior.

XADREZ

PROBLEMA N. 71 — V. MIESES (LEIPZIG)

Pretas (8)

Brancas (8) — Mate em 3 lances

Solução do problema n. 67 (Dobrushy)

1 C 4 T, B 1 B 2. D 4 R x etc.
1..........., P 4 T 2- D 5 B x etc.
1..........., B ⋊ C 2. D 4 B x etc.
1..........., D 5 B 2. T 7 D x dex. etc.
1..........., D ⋊ B 2. D 5 B x etc.
1..........., outra 2. C 4 C x etc.

Solução do problema n. 68 (Souza Campos)

1 C 1 R (4 variantes, com tres mates puros.)

Solução do problema n. 69 (Bayer.)

1 D 4 B!, P D ⋊ D. 2. C 6 B R x etc.
1............, R 5 B. 2. D ⋊ P D etc.
1............, P 5 C. 2. C 6 B R x etc.
1............, D ⋊ P. 2. D 3 D x etc.
1............, B ⋊ P. 2. D ⋊ P D x etc.

Resolvidos os ns. 67, 68 e 69 pelos srs. Eug. Agostini, Alipio de Oliveira, Theo, Silvano, Lafs, Jofemo, Dr. C. L, Curioso e Aminadab; os ns. 68 e 69, por Salvio.

Match Brasil-Argentina

E' esperada pelos amadores com a maior ancicdade, a realização da segunda partida do *match* internacional, marcada para este domingo, nas mesmas condições da primeira, porém, cabendo agora a sahida aos argentinos.

Temos muita esperança que dessa vez os nossos campeões obtenham melhor resultado, por isso que a experiencia da derrota os deve ter convencido da inconsequencia de serem feitos os lances antes de minuciosa analyse, sómente pelo luxo de cumprirem um convenio, previamente firmado com seus adversarios.

Chamamos a attenção dos leitores para a photographia da commissão argentina, que damos em outra pagina.

CORRESPONDENCIA

A. Souza Campos Junior. Agradecendo o seu cartão de despedidas, esperamos que de S. Paulo, continue a nos mimosear com os primorosos problemas de sua lavra.

Marius Gravoche. A sua pergunta não é bastante clara, e deixa-nos talvez na contingencia de não lhe satisfazermos completamente.

Se deseja saber que signaes convencionaes usamos nas soluções dos problemas, diremos-lhe, que classificamos cada peça por sua lettra inicial; exemplo: R — *rei*, D — *dama*, T — *torre* etc. etc.

Quanto ás *casas*, designamos por numeros e indicamos a fileira da peça a que corresponde, sendo a contagem quer do lado das *brancas*, quer do lado das *pretas*, feita de 1 a 8; assim, quando dizemos *brancas* P 4 B R, está entendido que o pião branco deve ser collocado na quarta casa da fileira do bispo do rei; para as *pretas* essa mesma casa corresponde a: 5 B R.

Empregamos o signal ⋊ para indicar captura da peça.

Em summa, são por demais superfluas essas explicações, se o senhor já conhece o jogo do xadrez; se pelo contrario, delle ainda não tem noção é necessario aprendel-o, para então poder entrar na technica dos problemas. Para isso lhe recommendamos como melhor compendio o Tratado do Conde de Basterot.

Dr. José Piza. Com muito prazer accusamos o recebimento do seu interessante problema, que publicaremos no proximo numero.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção do JORNAL DO BRASIL, á rua Gonçalves Dias n. 54. «Secção de Xadrez».

Heibas.

(54)

RAOUL DE NAVERY

OS IDOLOS

XI

CEIA DE ARTISTAS

A Gloria, era representada pela figura de um rei, cingido de corôas e calcando aos pés os sceptros dos soberanos vencidos por elle, e pela imagem de um homem moço, de rosto inspirado, de quem a morte despedaçara a lyra antes de tempo.

Para completar a parte inferior do grupo, feixes de armas, vasos transbordando flores, dispostos com arte, deixavam pender sobre o pedestal as ramagens; as roupagens impediam a subita transição do secco de marmore para o grupo de Carrara. Emfim, erecta, com um dos pés sobre o corpo distendido da mulher, a mão dirigida para o velho, como para condemnal-o á tortura de um desejo insaciavel, a *Religião*, com o bello rosto voltado para o céo, levantava a cruz victoriosa. Nada era mais grandioso e puro do que essa figura, um pouco maior do que o natural, e que, á magestade das virgens, unia o divino sorriso do Anjo.

Este trabalho denotava no autor verdadeiro talento, e classificava o joven esculptor entre os artistas de que tinha-se o direito de esperar novos adiantamentos.

Quantas alegrias não gozára Benedicto, emquanto a mão obediente modelava a creação de seu cerebro. Quantas vezes, rejeitando a argilla, recuando por julgar o conjuncto de sua obra, dissera a si mesmo, com intima convicção: « Sabina ficará contente! »

Esta obra, em que vivia sua alma, mais ainda de que o seu talento, dedicava-lh'a antecipadamente.

Contava com este exito, para inaugurar os seus lares juvenis. Esperava que o governo faria a acquisição do grupo. Era já isto o exito, mais tarde, viria a fortuna. Não tanto essa fortuna, a que a maior parte dos homens dão tanto apreço, e que para elles paga loucas distracções, orgias, prazeres enfraquecedores do talento; mas a fortuna, de que se goza com moderação, com economia, cuja posse dá o repouso, e da qual jamais se abusa.

Não seria, realmente, a felicidade ver a querida Sabina ditosa neste ambiente socegado, e dizer, a si propria, que a felicidade commum nada devia ás idéas subversivas, ao culto do ouro pelo ouro, a adulação pelos caprichos, aos gostos, ás depravações das turbas?

(*Continúa*).

LA ACUMULATIVA
COMPANHIA ANONYMA
MUTUA DE ECONOMIAS
Autorisada por decreto de 15 de Junho de 1899, do Governo Argentino
e por decreto do Governo Federal de 19 de Novembro do 1900
Capital: 1.000.000 de PESOS ARGENTINOS
200-Maipú Esq. Cangallo.-Buenos Aires
Agencias nas principaes cidades das Republicas:
Oriental, Argentina,
Paraguay e nos Estados do Brasil
REPRESENTANTE GERAL
ALFREDO DE LA FUENTE
45 Rua Primeiro de Março 45
1º e 2º andares
RIO DE JANEIRO

A SUL AMERICA
é a mais importante
COMPANHIA DE SEGUROS
DE VIDA
Funccionando no Brasil
Possue fundos de garantia
Dinheiro realisado 6.700:000$000
Já emittiu seguros no valor de Rs. 85.000:000$000
Pagou por sinistros Rs. 2.000:000$000
Unica Companhia Brasileira que funcciona nas Republicas Argentina, Uruguay, Chile, Perú, Bolivia, Equador e Paraguay
SÉDE SOCIAL
56, Rua do Ouvidor
RIO DE JANEIRO

COMPANHIA
DE
LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL
SÉDE: CAPITAL FEDERAL
RUA NOVA DO OUVIDOR 29 e 29 A
Caixa do Correio n. 41
Endereço telegraphico — LOTERIAS
LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL
EXTRACÇÕES Á RUA S. JOSE' N. 92
Segunda-feira 9 do corrente
ÁS 2 HORAS DA TARDE
N. 88 — 14ª
12:000$000
Por 750 réis
Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de Camões & C., becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correio 946 e Luiz Velloso & C., rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do Correio 817, as quaes só recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados das loterias da Capital Federal e encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções.
Acceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.

AS NOSSAS GRAVURAS

Actualidade brasileira. — RIO ATHLETIC ASSOCIATION — Esta aggremiação sportiva realizou, em 15 de julho ultimo, em sua séde, em Icarahy, uma partida de *cricket* com a *Buenos Aires Athletic Association.*

Dessa partida damos hoje cinco bellas vistas, representando a séde do club, a partida e os dous grupos que a disputaram.

REGATA DO CAMPEONATO — Dessa brilhante festa do *rowing*, que se effectuou a 25 do mez passado e da qual sahiu victorioso o Club Boqueirão do Passeio, publi-

PIERINA BATTAGLIA
Artista de café-concerto

camos no presente numero mais tres nitidas photographias, representando a raia, a praia de Botafogo e o pavilhão do Conselho Superior situado na mesma praia, durante a regata.

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA — Reproduzimos hoje as tres restantes photographias das guarnições que tomaram parte na regata intima deste club, organisada por occasião da bella festa effectuada a 18 de agosto ultimo na ilha do Engenho.

FESTA EM PAQUETÁ — Teve logar domingo passado a festa de S. Roque, na pittoresca ilha de Paquetá.

Do que foi esta festa toda a imprensa diaria já o disse, isto é que esteve magnifica, havendo á mesma extraordinaria concurrencia.

No presente numero damos algumas gravuras reproduzindo varios pontos da deliciosa ilha, deixando outras para o proximo numero entre elles o em que se

ALFREDO JABOR
Chefe da colonia syria, em Campos.

acha acampado o Collegio Militar para os exercicios militares que alli está effectuando e para o combate simulado que realizou ante-hontem e ao qual assistiu o sr. presidente da Republica.

«MATCH» DE XADREZ. — Reproduzimos hoje a photographia da commissão argentina que disputou o *match* de xadrez pelo telegrapho, entre enxadristas desta cidade e de Buenos Aires.

Essa photographia foi tirada durante o *match*, em uma das salas do Club del Progresso, naquella cidade.

Todas as cartas dirigidas a esta redacção serão promptamente respondidas pela secção *Correspondencia* do *Jornal do Brasil.*

CURIOSIDADES

Um investigador paciente conseguiu verificar que as funcções physiologicas de uma pessôa que tenha vivido 70 annos de edade se decompõem assim: somno, 24 annos, 9 mezes e meio; trabalho, 11 annos e 8 mezes; recreação, o mesmo tempo do trabalho; mandria, 1 anno 5 mezes e meio; locomoção, 5 annos e 10 mezes; vestuario, 2 annos e 11 mezes; dar a lingua, 1 anno, 5 mezes e meio; reflexão, o mesmo; actos diversos, o mesmo; tempo perdido, 1 anno e 5 mezes e nem um minuto de mais nem de menos.

— A invenção dos collarinhos postiços data do anno 1840.

— Segundo *A Odontologia*, de 30 de junho de 1897 a 30 de junho de 1898 os Estados Unidos exportaram 65.452 dollars de dentes artificiaes, a saber: 21.000 dollars para a França; 19.000 para a Inglaterra e 14.000 para a Allemanha. Em 1896 as exportações tinham-se elevado a 83.242 dollars.

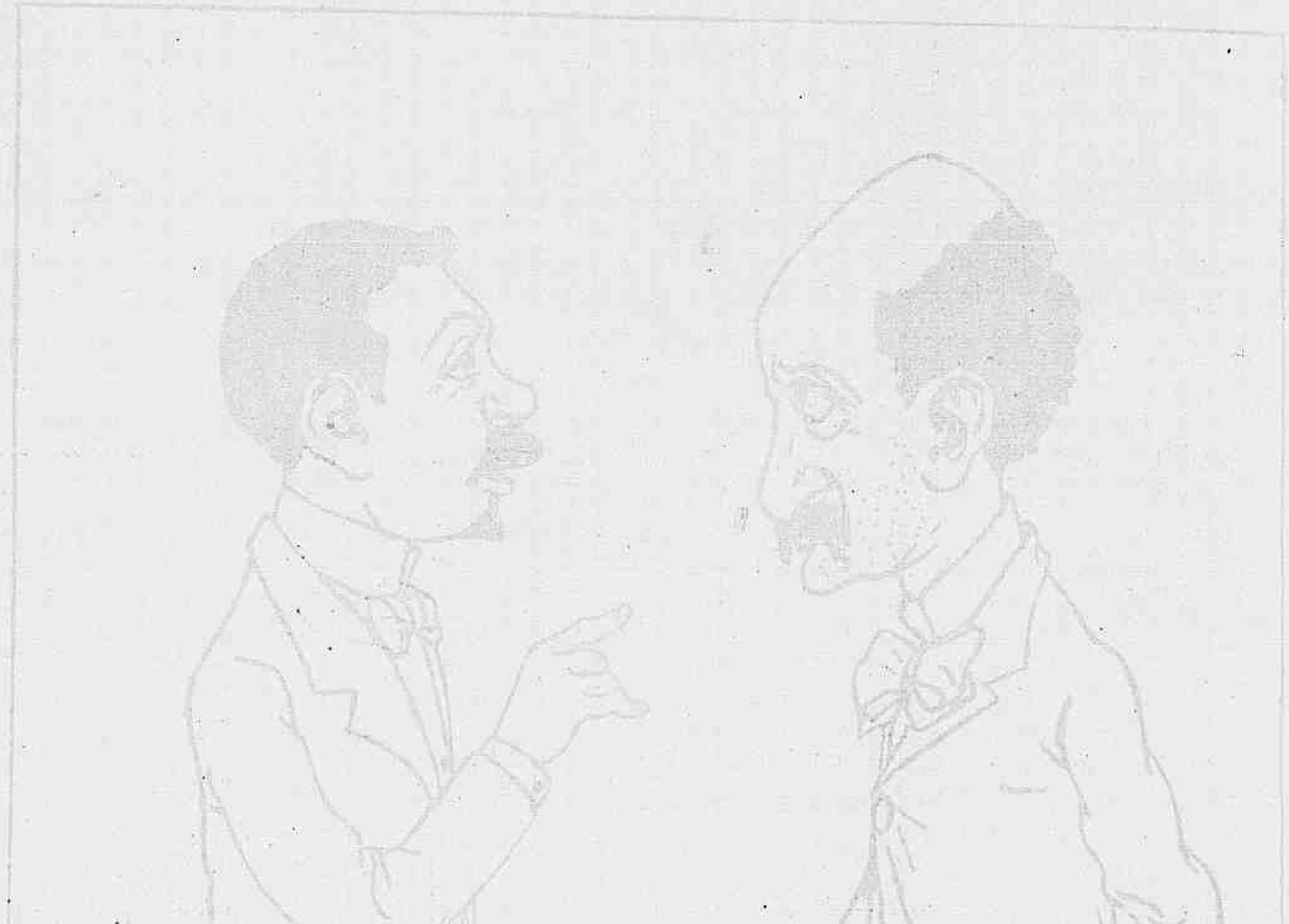
— Segundo o sabio estatista italiano Rodio, eis a ordem na qual estão classificados os diversos paizes da Europa em serie decrescente, segundo a quantidade media de seus nascimentos: Russia Européa, Hungria, Servia, Roumania, Austria, Allemanha, Italia, Hespanha, Finlandia, Portugal, Hollanda, Inglaterra, Escocia, Dinamarca, Noruega, Belgica, Suecia, Suissa, Grecia, França e Irlanda.

— Por meio de methodos precisos, photometricos, o sr. J. C. Thompson avaliou em que proporções a luz reflectida pelas paredes podia contribuir para a claridade das casas, segundo a natureza e côr das madeiras e tapeçarias.

— Duas terças partes do numero de cartas que circulam nos correios do mundo, são inglezas ou procedentes de inglezes.

Y. Z.

«MATCH» BRASIL-ARGENTINA
Commissão argentina do *match* de xadrez pelo telegrapho, cuja primeira partida realizou-se a 18 de agosto findo. Sala do Club Progresso, onde se achavam os srs.: J. Balbin, Miguel A. Gelly, C. del Campo, E. Zanubio, Julio Lynch, Bento Villegas e Pillado, secretario do *match* encarregado dos telegrammas.



RAZÃO SIMPLES

— Mas como soube você que a noite estava *escura?*
— Porque passei a noite *em claro...*